

O QUE SE DIZ E COMO SE FALA:

RELAÇÕES ENTRE O DISCURSO METALINGÜÍSTICO E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Livia Oushiro

RESUMEN. El objetivo de este artículo es contrastar los resultados de análisis multivariados de correlación de tres variables sociolingüísticas del portugués paulista —la realización de /e/ nasal como monoptongo o diptongo (como en “fazenda”), la pronunciación variable de /r/ en coda silábica (como en “porta”) y la concordancia nominal de número (p.ej. “as casas” vs. “as casa”)— con el discurso metalingüístico de los hablantes nativos respecto de las variantes de esas variables. Mis argumentos son a favor de análisis que conjuguen la descripción de correlaciones sociales de variables sociolingüísticas con las evaluaciones de los hablantes sobre las variantes, para comprender mejor los procesos más amplios de variación y cambio lingüístico.

Palabras clave: evaluación y producción lingüística, portugués paulista, /e/ nasal, /r/ en coda, concordancia nominal.

ABSTRACT. This paper contrasts the results of multivariate correlational analyses of three sociolinguistic variables of São Paulo Portuguese —the variable realization of nasal /e/ (as in “fazenda” ‘farm’), the variable pronunciation of coda /r/ (as in “porta” ‘door’) and variable number nominal agreement (as in “as casas” vs. “as casa” ‘the houses’)— with an analysis of native speakers’ metalinguistic discourse on their respective variants. We argue in favor of analyses that bring together both the description of social correlations of sociolinguistic variables and members’ evaluations of variants, in order to better understand more general processes of language variation and change.

Keywords: language evaluation and production, São Paulo Portuguese, nasal /e/, coda /r/, nominal agreement.

RESUMO. Este artigo tem por objetivo contrastar resultados de análises multivariadas de correlação sobre três variáveis sociolingüísticas do português paulistano —a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo (como em “fazenda”), a pronúncia tepe ou retroflexa de /r/ em coda silábica (como em “porta”) e a concordância nominal de número (p.ex. “as casas” vs. “as casa”)— com o discurso metalingüístico dos falantes nativos a respeito das variantes dessas variáveis. Argumenta-se em favor de análises que conjuguem a descrição de correlações sociais de variáveis sociolingüísticas com as avaliações de seus membros sobre as variantes, para que se possa compreender melhor os processos mais amplos de variação e mudança linguística.

Palavras-chave: avaliação e produção linguística, português paulistano, /e/ nasal, /r/ em coda, concordância nominal.



Signo y Señá, número 28, diciembre de 2015, pp. 139-167

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

1. INTRODUÇÃO. Os estudos sociolinguísticos de cunho variacionista, nas últimas décadas, têm fornecido um rico quadro do encaixamento linguístico e social de uma série de variáveis sociolinguísticas em diferentes comunidades. Contudo, nem sempre se questiona se os significados sociais das variantes coincidem com aqueles atribuídos a um suposto senso comum. Nesse sentido, mormente se assume que determinada variante é “estigmatizada” ou “não padrão”, e que certos usos são considerados “corretos” ou “prestigiados” por todos os membros de uma comunidade, de modo que se esperam correlações sistemáticas com perfis sociodemográficos dos falantes (seu sexo/gênero, seu grau de escolaridade, sua classe social etc.).

Por outro lado, amplas análises de correlação entre determinado fenômeno variável (por exemplo, a concordância nominal no português brasileiro) e variáveis de natureza social e linguística (por exemplo, sexo/gênero dos falantes, classe morfológica de um item lexical) são muitas vezes realizadas sem se levar em conta a possibilidade de que seu efeito não seja independente daquele para outras variáveis. Desse modo, padrões específicos e potencialmente divergentes dentro da mesma comunidade permanecem invisíveis ao se realizarem apenas análises globais sobre os dados.

Este trabalho tem por objetivo contrastar, por um lado, padrões de variação no português paulistano acerca de três variáveis sociolinguísticas —a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo (p.ex. diz[ẽ]do vs. diz[ẽ̃]do); a pronúncia de /r/ em coda silábica como tepe ou retroflexo (p.ex. po[r]ta vs. po[ɽ]ta); e a concordância nominal de número (doravante CN, p.ex. *dois pastéis* vs. *dois pastel*)— e, por outro, o discurso metalinguístico de 74 paulistanos sobre as variantes dessas variáveis. Tanto os dados de produção quanto de avaliação linguística foram obtidos em entrevistas sociolinguísticas provenientes do Projeto SP2010 (Mendes e Oushiro 2012).

Cabe destacar que o presente estudo faz uma distinção conceitual entre *avaliação* e *percepção* linguística: o primeiro é empregado para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes —ênfase desse trabalho—, ao passo que o segundo diz respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante. Estas podem ou não ser conscientes e, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico (ver, p.ex., Campbell-Kibler 2009, Oushiro 2015). Ambas,

por sua vez, diferenciam-se de *produção* linguística, já que aquilo que as pessoas dizem ou o modo como reagem a certas variantes podem não coincidir com seus usos factuais.

Com efeito, aquilo que se *diz* a respeito de certas variantes linguísticas não necessariamente corresponde ao encaixamento linguístico e social das variáveis, tampouco aos usos linguísticos de indivíduos específicos. A perspectiva aqui, no entanto, é a de que um exame detalhado sobre discursos metalinguísticos recorrentes dos membros de uma comunidade a respeito de variantes linguísticas permite que o pesquisador se distancie de suas próprias expectativas iniciais, o que pode auxiliá-lo na compreensão de processos de variação e mudança em andamento na comunidade ou em subgrupos que a compõem.

A seção 2 apresenta os materiais e os métodos empregados neste estudo; em seguida, a seção 3 apresenta resultados de análises de correlação com as três variáveis sociolinguísticas, com destaque para a correlações de natureza social, e contrasta esses padrões com o discurso metalinguístico dos falantes. A análise das respostas dos informantes a certas sentenças-alvo indica diferentes graus de consciência metalinguística sobre as variantes acima apontadas: enquanto a maioria dos informantes não hesita em apontar o “erro gramatical” no uso da marca zero de concordância nominal (como em “dois pastel”) e a associação do /r/ retroflexo com o “sotaque caipira”, muitos não comentam explicitamente a ditongação de /e/ nasal. Uma análise quantitativa desses dados ressalta a variedade de significados associados a cada variante e identifica discursos recorrentes sobre elas. As análises conjuntas de produção e de avaliação linguística iluminam processos mais amplos na comunidade (p.ex., a vigorosa mudança em progresso na direção da variante ditongada [ẽĩ], que tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes) e auxiliam na interpretação de resultados de análises de correlação. Por fim, a seção 4 resume as principais conclusões deste estudo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS. As questões propostas foram analisadas com base em uma amostra do português paulistano, composta de dezenas de entrevistas sociolinguísticas provenientes do *corpus* do Projeto SP2010 (Mendes e Oushiro 2012)¹. Essas gravações, cada qual com cerca de uma hora

1 O Projeto SP2010 conta atualmente com mais de 300 gravações de falantes residentes nas cidades de São Paulo-SP, Itanhandu-MG, Campo Grande-MS e São Luís-MA. Sessenta //142

de duração, foram coletadas por diversos membros do Grupo de Estudos em Sociolinguística (GESOL-USP) entre os anos de 2011 e 2013 e tiveram o duplo objetivo de obter amostras de fala semiespontânea de paulistanos de variados perfis sociolinguísticos, e mais informações sobre as condições de vida e avaliações sociolinguísticas desses falantes.

O roteiro de entrevista se divide em duas partes. A primeira abrange tópicos como o bairro, a infância, a família, a educação, a ocupação, a rede social e as atividades de lazer do informante, com o objetivo de obter amostras de fala relativamente menos monitoradas (ainda que se deva ter em mente o efeito do Paradoxo do Observador (Labov 2006 [1966]) durante toda a gravação). A segunda parte contém perguntas mais específicas sobre a relação do falante com a cidade e suas avaliações sobre certas variantes linguísticas e identidades paulistanas. Na segunda parte da entrevista, também se pede ao informante que leia uma lista de palavras, uma notícia de jornal e um texto com fortes marcas de oralidade, denominado “depoimento”. Supõe-se que a variação estilística em diferentes partes da entrevista sociolinguística possa revelar variantes de maior prestígio para os falantes, em concordância com os graus de monitoramento sobre sua própria fala (Labov 2001, 2006 [1966]).

Nas perguntas específicas sobre avaliações acerca de /e/ nasal, /-r/ e CN, pede-se que o informante comente sobre os seguintes modos de falar: (i) “meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?”, em que /e/ nasal deve ser pronunciado com a variante exageradamente ditongada [êĩ]; (ii) “a porta tá aberta”, que o documentador deve pronunciar com retroflexos; e (iii) “meu, me vê dois pastel e um chopes”, com ausência da marca de número no sintagma “dois pastel”. Para cada uma dessas sentenças, o documentador primeiro pede por uma opinião (“o que você acha desse modo de falar?”); se o informante manifesta uma atitude negativa, o documentador pergunta o que está “errado”, “estranho” ou “esquisito”, e como o falante acha que deve ser a forma mais “correta” ou “natural”²; o documentador então pergunta quem usa essas formas e, quando a respos-

//141 entrevistas com paulistanos, coletadas em 2012-2013, são disponibilizadas gratuitamente (áudio e transcrição) no portal do Projeto SP2010 (<http://projetosp2010.fflch.usp.br/>).

2 Diferentes termos foram empregados pelos documentadores, a depender da reação do informante à sentença-alvo. É claro que, de um ponto de vista linguístico, não há formas “certas” ou “erradas”. No entanto, a “acomodação” do documentador ao informante permitia que os falantes elaborassem suas colocações, impressões e reações, que também constituem objeto de interesse do sociolinguista.

ta é “paulistanos”, se se trata de um fenômeno generalizado ou se é mais característico de um grupo específico de pessoas na cidade; por fim, o documentador pergunta se o falante também emprega essas formas.

As sentenças-veículo são deliberadamente indiretas quanto ao fenômeno linguístico sob análise; não se pergunta, em nenhum momento, o que o informante acha de se pronunciar /e/ nasal de maneira ditongada, sobre o /-r/ “retroflexo”, “caipira” ou “do interior”, ou sobre a “falta de concordância”. Possíveis comentários sobre outros aspectos linguísticos —que, como se verá, de fato acabam ocorrendo— podem ser indicativos da saliência social dessas e de outras variantes na comunidade. Tais perguntas também têm o objetivo de examinar se os paulistanos são consensuais em suas avaliações sobre [ẽ], [ɹ] e a marca zero de CN, ou se as variantes possuem diferentes significados a depender do falante ou de grupos sociais.

O intuito inicial foi o de classificar as respostas em certas categorias que parecessem ser as mais pertinentes, de acordo com o discurso metalinguístico dos falantes. Contudo, como as entrevistas foram conduzidas por diferentes documentadores³, as perguntas nem sempre foram feitas exatamente da mesma maneira, na mesma ordem ou no mesmo ponto do roteiro, de modo que uma comparação direta das respostas seria problemática. Entretanto, é inegável que certas noções são recorrentes e se reproduzem sistematicamente no discurso dos informantes, como por exemplo a avaliação de que falar “dois pastel” é “errado” ou que “a porta tá aberta” com realização retroflexa é o modo como falam as pessoas do interior (por oposição à capital do estado de São Paulo). Para avaliar noções que surgem frequentemente, realizou-se uma análise qualitativa do discurso metalinguístico dos informantes, da qual se extraíram certas palavras-chave. Por exemplo, do excerto em (1) abaixo, extraíram-se os termos “cantado”, “italianado” e “paulistano”; para (2), atribuíram-se “errado”, “mais-velhos”, “paulistano”, “menos-escolarizados”.

- (1) D1: o que você acha desse jeito de falar... “você (es)tá entendendo [ẽ] o que eu (es)tou dizendo”... [ẽ] o que você acha desse jeito?
 S1: meio cantado né meio italianado aí
 D1: você acha?
 S1: eu acho

3 No total, 14 documentadores participaram da coleta de gravações.

D1: eh... mas quem você acha que fala assim?... “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽ]

S1: eu falei assim? “(vo)cê (es)tá entendendo [ẽ] o que eu (es)to(u) dizendo” [ẽ] eu falei né? eu falei cantado

D1: você acha que é uma coisa dos paulistanos todos os paulistanos ou é só de um bairro?
...

S1: eu acho que é coisa de paulistano né?

D1: de uma maneira geral?

S1: é é...

D1: entendi e... você acha que você fala desse jeito?

S1: eu falo eu falo meio cantado sim (Irene R., F3SC)⁴

(2) D1: o que você acha do... “vê dois pastel e um chopes”?

S1: é está tudo errado né?... gramaticalmente está errado né?... mas a gente fala assim né isso é uma... (xxx)

D1: você fala assim?

S1: eu não... não eh não eu falo “por favor... você me vê um pastel”... como é que é “dois pastéis e um chopes”? [risos] (pastel... pastéis)

D1: e tem algum grupo assim que fala mais assim?

S1: ah eu acho que quem é mais velho daqui fala mais né? eh sei lá eu acho que/... é eu acho que quem é mais/ os mais velhos que são bem de São Paulo falam mais assim... também acho que quem tem uma escolaridade menor fala um pouco mais assim... mas é acho que é isso... (Rebeca C., F1SC)

A partir do conjunto de palavras-chave para cada sentença-alvo, criaram-se nuvens de palavras no site Wordle.net⁵ (ver seção 3). Trata-se de uma representação visual da frequência relativa com que certos termos ou noções surgiram em resposta às perguntas sobre avaliações linguísticas: termos mais frequentes são representados em maior fonte, enquanto avaliações infrequentes ou idiossincráticas recebem menor destaque. Tais figuras permitem uma análise qualitativa de noções relevantes, sem perder de vista a diversidade de reações dos informantes às sentenças-alvo.

As análises de produção linguística se basearam em entrevistas socio-linguísticas com 118 falantes paulistanos, estratificados de acordo com (i) seu sexo/gênero; (ii) sua faixa etária (20-34 anos; 35-59 anos; 60 anos ou mais); (iii) seu nível de escolaridade (até ensino médio; ensino superior); e (iv) sua região de residência. As análises estatísticas de regressão logística foram realizadas no programa R (R Core Team, 2014), com auxílio do

4 Nas citações do *corpus*, o informante é identificado por seu pseudônimo e perfil social: sexo (F: feminino; M: masculino); faixa etária (1: 20 a 34 anos; 2: 35 a 59 anos; 3: 60 anos ou mais); nível de escolaridade (M: até Ensino Médio; S: Ensino Superior); e região de residência (C: bairro mais central; P: bairro mais periférico). As reticências indicam pausas curtas, “/” indica truncamento e “(xxx)” indica trechos ininteligíveis. Ver Normas de Transcrição estipuladas pelo Projeto SP2010 (Mendes e Oushiro, 2013).

5 Ver portal em <http://www.wordle.net/>.

pacote Rbrul (Johnson 2009). Cada uma das três variáveis sociolinguísticas —/e/ nasal, /-r/ em coda e CN— foi analisada em modelos de efeitos mistos (Baayen 2008, Oushiro e Mendes 2014), com a inclusão de Falante e Item Lexical como efeitos aleatórios, bem como um conjunto de variáveis linguísticas e sociais relevantes⁶. Quanto ao encaixamento social, todas as análises incluíram, além das quatro variáveis estratificadoras da amostra, a classe social do falante (A/B1: classe alta/média alta; B2: classe média; C1: classe média baixa; C2/D: classe baixa alta/baixa média); a origem dos pais (São Paulo-capital, interior de SP/MG/PR, Norte/Nordeste, estrangeira ou mista); e a mobilidade geográfica (baixa: sempre morou no mesmo bairro; média: mudou-se, mas sempre morou na mesma zona; alta: morou em diferentes zonas). Além dessas variáveis, também se analisou estilo (entendido no sentido laboviano de “grau de atenção à fala” (Labov 2001, 2006 [1966])), que analisa as ocorrências de acordo com a parte da entrevista em que foram produzidas (conversação, leitura de notícia de jornal, leitura de “depoimento” ou leitura de lista de palavras).

3. AS VARIÁVEIS /e/ NASAL, /r/ EM CODA E CONCORDÂNCIA NOMINAL EM SÃO PAULO

3.1. PRODUÇÃO E AVALIAÇÕES DE /e/ NASAL. Embora existam muitos estudos sobre vogais nasais no português brasileiro (p.ex., Bisol 1998, Abaurre e Pagotto 2013, Moraes 2013, entre outros), incluindo-se os ditongos nasais (p.ex., Bisol 1998, Demasi 2009), sua grande maioria opera sob um ponto de vista fonético ou fonológico, visando a descrições aerodinâmicas, acústicas, articulatórias e perceptuais.

De uma perspectiva sociolinguística, Oushiro e Mendes (2014) descrevem o encaixamento linguístico e social dessa variável, com enfoque na realização ditongada. Linguisticamente, a variante [ẽj], que corresponde a 41% do total de 7.235 ocorrências de /e/ nasal no *corpus*, é favorecida em palavras menos gramaticais (em substantivos, como *fazenda*; em adjetivos, como *contente*; e em verbos, como *pretendo*) e quando o segmento se encontra na raiz do item lexical (como em *lembro*), não tendo sido verificadas correlações de natureza fonética como, por exemplo, com o con-

6 As variáveis linguísticas independentes, evidentemente, diferem para cada variável sociolinguística. Por exemplo, para /r/ em coda, analisou-se o efeito de tonicidade da sílaba com /r/, contexto fônico precedente, contexto fônico seguinte etc.; para CN, incluíram-se as variáveis posição linear e relativa da palavra, paralelismo, saliência fônica etc. Para uma análise detalhada sobre cada uma das variáveis sociolinguísticas, ver Oushiro (2015) e referências adiante.

texto fônico precedente ou seguinte ao segmento. Por outro lado, as variáveis sociais revelam correlações mais fortes; a ditongação é fortemente favorecida pelas mulheres, os falantes mais jovens (20-34 anos), de classe social mais alta (A-B1), com maior nível de escolaridade (que estudaram até o ensino superior) e de menor mobilidade geográfica (que sempre moraram no mesmo bairro). Quanto ao estilo, a ditongação é favorecida na leitura de lista de palavras, em que se espera maior grau de monitoramento por parte dos falantes.

Ao verificar uma correlação sistemática com a faixa etária (quanto mais jovem, maior a tendência de emprego da variante ditongada), indicativa de uma possível mudança em progresso na comunidade, Oushiro e Mendes (2014) realizaram cruzamentos entre essa variável e outras variáveis sociais, a fim de examinar mais detidamente como tem ocorrido a expansão da ditongação na comunidade. A figura 1 mostra os resultados desses cruzamentos.

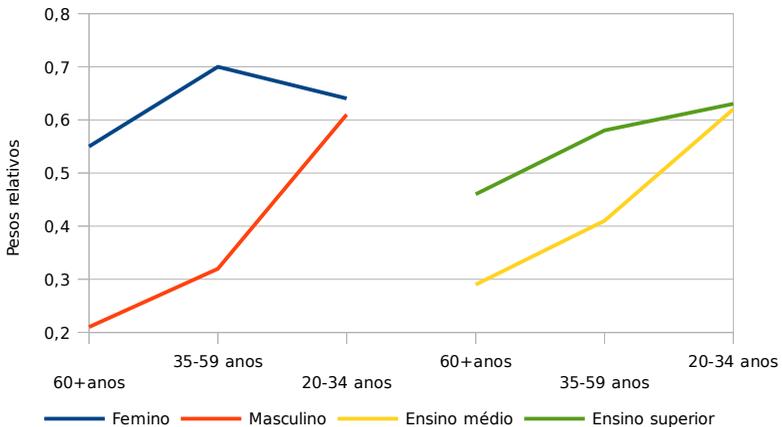


Figura 1 (a-b): Tendências de emprego de [ẽj] em cruzamentos entre faixa etária e (a) sexo/gênero, (b) nível de escolaridade, (c) região de residência e (d) classe social (Oushiro e Mendes 2014, 34).

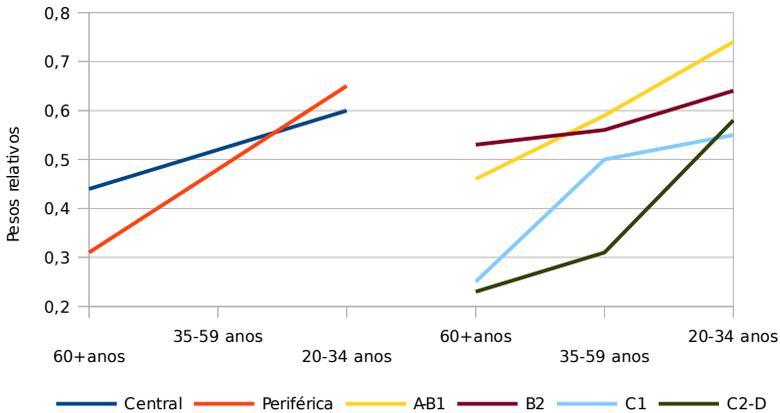


Figura 1 (c-d): Tendências de emprego de [ẽj] em cruzamentos entre faixa etária e (a) sexo/gênero, (b) nível de escolaridade, (c) região de residência e (d) classe social (Oushiro e Mendes 2014, 34).

Percebe-se que o padrão de estratificação social no emprego de [ẽj] se mantém nas três faixas etárias, com uma curva ascendente da esquerda para a direita, desde o grupo de falantes mais velhos até os mais jovens. A única exceção é o grupo de mulheres na figura (1a), em que a segunda faixa etária é a que mais favorece a ditongação, em vez de os mais jovens. Percebe-se, adicionalmente, que as diferenças entre grupos da comunidade se reduzem drasticamente entre os falantes de primeira faixa etária, algo que se visualiza pela aproximação das curvas no canto superior direito de cada gráfico; entre os mais jovens, fatores estilísticos e linguísticos se sobrepõem à estratificação social, uma vez que diferenças de classe social, região de residência, escolaridade e sexo/gênero se neutralizam nessa faixa etária. Há indícios, portanto, não apenas de uma mudança em progresso, mas de convergência nos padrões de emprego de variante [ẽj] na comunidade paulistana.

Por outro lado, os comentários metalinguísticos dos informantes a respeito da sentença “meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo” quase nunca se referem explicitamente à variante [ẽj], o que sugere que sua rápida expansão tem ocorrido abaixo da consciência dos paulistanos. As respostas à sentença-alvo abarcam as noções apresentadas na figura 2.

S1: eu acho que é assim ó... falta de assunto... falta de conteúdo eu acho sinceramente... né... é lógico que tem todo um contexto social de gíria... não é... mas quando/ acho que quando o aluno... o cara sei lá o adolescente... ele quer falar eh de outra maneira ele não consegue... porque ele não tem conteúdo... ele não tem ele não sabe/ sabe por quê? o cara não lê... o cara não se interessa... (William A., M2SP)

Muitos dos falantes discorreram apenas sobre o conteúdo explícito da sentença, descrevendo-a como um modo de se fazer claro ou de chamar a atenção. Em alguns desses casos, o documentador deixou de mencionar o vocábulo “meu”:

- (5) D2: o que você assim de eh... quem fala “meu (vo)cê (es)tá entendendo [ẽj] o que eu (es)tou te dizendo?” [ẽj]
 S1: ah é o que/ o que... é o que uma pessoa (xxx) o que ela se refere assim?
 D1: é
 D2: é... que que você acha assim de alguém que fala assim?
 S1: eu acho que eu está falando demais e... [risos] e alguém me/ sabe falou tanto que ele acha que... que deixou alguma coisa despercebida e aí você fala “você está entendendo o que eu estou te dizendo?” (Eloisa D., F1SP)
- (6) D1: você viu (que tem bastante trecho) sabe... “você (es)tá entendendo [ẽj] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽj] você... que que você acha dessa dessa frase?
 S1: eh é o tal negócio a pessoa quer que você... mostra muito pra você né... ela quer/ eh você está vendo que você está ali falando com ela você está ali por aquele motivo... mas (ela) sempre quer reafirmar... está sempre afirmando pra você... “você está vendo olha só... ó aqui ó...” (Karolina M., F2MC)

Outros comentários frequentes dizem respeito à prosódia e caracterizam esse modo de falar como “italianado, cantado”.

- (7) D1: que que você acha desse jeito de falar assim... “você (es)tá entendendo [ẽj] o que (es)tou dizendo?” [ẽj]
 S1: é peculiar né é próprio da gente... e isso eu acho que tem... tem um cantar italiano... eu sinto que tem um... uma música... italiana nesse... nessa frase
 D1: quem que você acha que fala mais assim?... tem alguém na cidade algum grupo...?
 S1: não é o pessoal do Jardins... eu acho que não é... eu acho que é dos bairros... mas não os bairros muito periféricos não... eh próximos do centro da cidade... que pode ser Perdizes que pode ser... eh a própria Mooca... pode ser Aclimação... (Iara S., F2SC)

À associação com “italianos” parece estar relacionada a menção mais frequente do bairro da Mooca (de ocupação originalmente italiana), mas também bairros mais centrais (como Perdizes e Aclimação), em detrimento daqueles de regiões periféricas. Entretanto, de todos esses exemplos até aqui, chama a atenção o fato de a maioria dos falantes não mencionar especificamente o segmento /e/ nasal, tampouco sua ditongação. Alguns dos poucos informantes que fazem menção explícita à variável, ou pelo

menos a repetem nas palavras-alvo “entendendo” ou “dizendo”, comentam sobre experiências de viagens a outras cidades do Brasil ou situações de contato com falantes de outras regiões, em que “foram informados” de que falam desse modo:

- (8) S1: pra mim... no meu ponto de vista todos os outros têm sotaque/ sotaque menos nós
 D1: [risos]
 S1: então eu não vejo isso como um sotaque sabe?... mas pelo que dizem... o paulistano fala o “e”/ o “entendendo”... [ẽ] “fazendo”... [ẽ] eu acho que é o jeito correto de falar nessas “fazendo”... [ẽ] “entendendo”... [ẽ] e já o paulistano não “ah você está entendendo?” [ẽ] “você está fazendo [ẽ] isso?”
 [...]
 D1: você comentou até... eh mas eu vou falar de novo... o que que você acha desse modo de falar “você está entendendo [ẽ] o que eu (es)tou dizendo?” [ẽ]
 S1: [risos] eu acho normal... eu acho completamente normal
 D1: normal?... você acha que é coisa de paulistano falar assim?
 S1: ah depois que as pessoas me falaram eu acho assim mas eu eu/
 D1: mas quem te falou assim?
 S1: ah o pessoal que trabalhava comigo de Curitiba todo mundo falava “ai essa coisa de São Paulo”... eh “(es)tá entendendo” [ẽ] [...] eh e fala coisa muito “en en en en” meio o ene talvez pegue desse jeito né? (Carolina A., F1MC)

Em (8), Carolina A. chega a contrastar as realizações de /e/ nasal como monotongo e ditongo espontaneamente, antes mesmo que a documentadora lhe houvesse apresentado a sentença-alvo; adiante, ela afirma que a variante ditongada era mencionada por seus colegas curitibanos como algo típico dos paulistanos.

Esses trechos de entrevistas permitem considerar que os próprios nativos da cidade, ainda que reconheçam uma “prosódia paulistana” na sentença-alvo, em geral não apresentam um discurso metalinguístico que explicitamente associe grupos sociais à variante ditongada [ẽ], não se identificam como usuários da variante, tampouco manifestam uma avaliação positiva ou negativa sobre as variantes dessa variável. Nos termos de Labov (2008 [1972]), em sua classificação de variáveis como *indicadores*, *marcadores* ou *estereótipos*, que se distinguem por graus de consciência social e de diferenciação estilística, a variável /e/ nasal pode ser caracterizada como um marcador para os paulistanos por apresentar variação estilística (diferentemente de indicadores), mas não estar disponível para comentários metadiscursivos para os nativos da cidade. O fato de que a variação tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes e de que a variante ditongada não se associa explicitamente a nenhum grupo social nas avaliações de paulistanos pode explicar a rapidez com que [ẽ] tem se ex-

pandido na comunidade e os amplos padrões convergentes que se observam entre os jovens de diferentes perfis sociais.

3.2. PRODUÇÃO E AVALIAÇÕES DE /r/. A saliência das variantes de /r/ constitui verdadeiro *shiboleth* que identifica a origem dos falantes no português brasileiro. A cidade de São Paulo, mais do que qualquer outra no país, é aquela em que possivelmente todas as variantes de /r/ estão em contato. No roteiro de entrevista sociolinguística, após a leitura da lista de palavras, o documentador perguntava ao informante como um carioca e uma pessoa do interior do estado falariam algumas delas. Como o informante tinha a possibilidade de escolher os itens lexicais, assume-se que a própria seleção por parte do falante revela os traços fonético-fonológicos mais salientes para a diferenciação dialetal. A pergunta sobre o português carioca foi feita para 63 informantes, e a pergunta a respeito dos interioranos foi feita para 61. A figura 3 mostra os itens lexicais mencionados mais frequentemente (por pelo menos cinco falantes diferentes) para ambas as variedades.

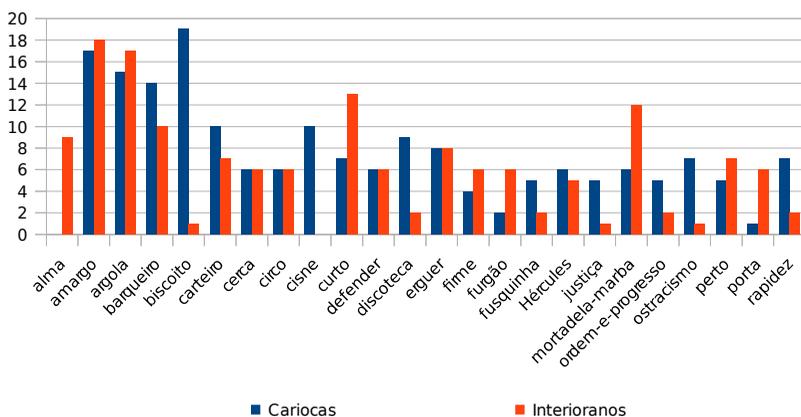


Figura 3: Palavras mais frequentemente mencionadas pelos informantes para diferenciação entre o português paulistano e português de cariocas/interioranos.

Em relação aos cariocas, as palavras mais frequentemente citadas são aquelas que contêm /r/ e ou /s/ em coda silábica: *biscoito* (19), *amargo* (17), *argola* (15), *barqueiro* (14). Dos 63 informantes, 22 mencionam explicitamente o /r/ aspirado, e 16, o /s/ chiante:

- (9) D1: e um carioca assim?... a senhora sabe?
 S1: ah eh... eh... “amargo” [ɐmaxɣo]... “argola” [axɣole]... “barqueiro” [baxkejɾo]... “biscoito” [biʃkojtɔ]... eh “erguer” [exgex]...
 D1: ah entendi
 S1: por aí o erre forçado né? (Ethel M., F3SP)
- (10) D1: e um/ um carioca falaria como?
 S1: [...] “justiça” [ʒuʃtʃise]... “justiça” [ʒuʃtʃiæse] (pode) colocar uns quinze esses aqui né pra falar... né... “amargo” [ɐmahɣo]... “amargo” [ɐmahɣo]... “argola” [ehɣole]... “barqueiro” [bahkejɾo] o erre e o esse são marcas assim do carioca né... (William A., M2SP)

Para identificar interioranos, as palavras com /s/ (*biscoito*, *discoteca*, *ostracismo*, *fusquinha*, etc.) não são mencionadas na mesma frequência. Em lugar delas, apresentam-se quase que invariavelmente aquelas com /r/: *amargo* (18), *argola* (17), *curto* (13), *mortadela marba* (12), *barqueiro* (10).

- (11) D1: e alguém do interior você saberia me dar um exemplo? assim... alguém...
 S1: ah tem (ixe) eu acho que em Ribeirão Preto não é?... Campinas (falaria) “gordo” [goɾdɔ]... falaria “gordo” [goɾdɔ] falaria... “carteiro” [ka.ɾtejɾo]... “curto” [ku.ɾto]... puxaria o erre eu acho né... (Fernanda T., F1SC)

Em todas essas realizações de /r/, empregou-se seja a aproximante alveolar [ɹ], seja a aproximante retroflexa [ɻ], chamadas por linguistas e leigos de “r caipira” (Amaral 1920, Head 1987, Brandão 2007, entre outros). Entretanto, a pronúncia retroflexa também ocorre com frequência considerável na fala de nativos da capital: das 9.226 ocorrências analisadas por Oushiro (2015), 28% foram dessa variante, que é favorecida quando precedida por vogal com o traço [-alto] (p.ex., *árvore*), quando seguida por consoante com traço [+coronal] (p.ex., *porta*), em palavras menos gramaticais (raiz de verbos, advérbios, substantivos e adjetivos), em sílabas tônicas e em posição final de vocábulo. Socialmente, o retroflexo é favorecido por falantes de classes mais baixas, residentes em bairros mais periféricos, com menor mobilidade geográfica, menor nível de escolaridade, do sexo masculino e descendentes de migrantes do Norte e do Nordeste. Faixa Etária, por sua vez, não se mostrou significativamente correlacionada com a realização de /r/, o que aponta para um caso de variação estável quando se considera a comunidade como um todo.

No entanto, ao cruzar faixa etária com variáveis sociais que se referem ao *status* dos falantes —região de residência, escolaridade e classe

social—, notam-se movimentos divergentes na comunidade, por parte de diferentes grupos sociais (figura 4).

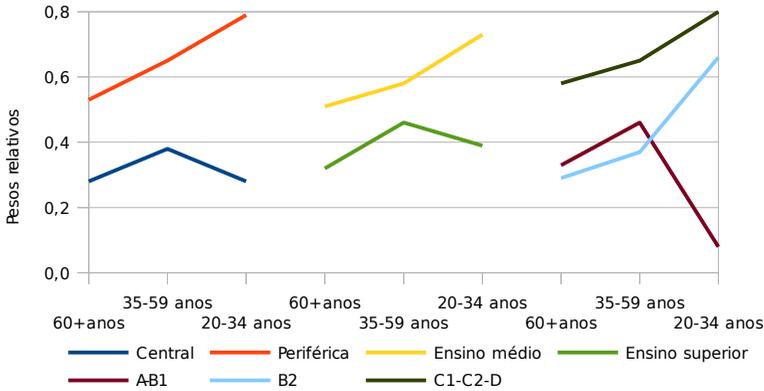


Figura 4: Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre faixa etária e (a) região de residência, (b) nível de escolaridade e (c) classe social (Oushiro 2015, 115).

Os padrões nessas figuras se assemelham. Por um lado, os fatores que haviam se revelado favorecedores do retroflexo apresentam, para todas as faixas etárias, pesos relativos acima de 0,50, representados pelas linhas contínuas: habitantes de bairros mais periféricos, menos escolarizados e das classes C1-C2-D. Essas curvas, assim como aquela para os falantes da classe B2 na figura (4c), também apresentam pesos relativos gradualmente maiores quanto menor a faixa etária. Os demais falantes —habitantes de bairros mais centrais, mais escolarizados e de classe social mais alta— também esboçam aumento na tendência ao retroflexo: o peso relativo para a terceira faixa etária é sempre menor do que para a segunda, nos três cruzamentos. Tal tendência, contudo, é rompida pelos falantes mais jovens desses grupos; em vez de seguir a tendência geral da comunidade em direção ao retroflexo, com gradual aumento do peso relativo, os jovens de bairros mais centrais, com ensino superior e, sobretudo, de classe social mais alta evitam radicalmente o emprego da variante, o que equivale a dizer que favorecem o tepe.

As tendências opostas entre os falantes de primeira faixa etária sinalizam que tepe e retroflexo podem possuir significados sociais distintos

para diferentes grupos sociais. A se valer pelas figuras, trata-se verdadeiramente de uma divisão socioeconômica, mais do que o local de residência ou o nível de escolaridade. Examinem-se, então, os comentários dos falantes sobre a sentença-alvo “a porta tá aberta”, realizada com retroflexão.

Diferentemente do que ocorreu com a ditongação de /e/ nasal, foram poucos os paulistanos que não comentaram especificamente a realização de /r/. Com base em suas avaliações, criou-se a nuvem de palavras da figura 5. Nela, claramente salta aos olhos a principal noção associada ao retroflexo: “interior”. A mesma associação geográfica aparece em outras conceitualizações mais específicas: “interior de São Paulo”, “São Bernardo”, “Campinas”, “Sorocaba”, “mineiro”.



Figura 5: Nuvem de palavras associadas à sentença “a porta tá aberta”, realizada com /r/ retroflexo.

(12) D1: e o que que a senhora acha de “a porta [ɹ] está aberta”? [ɹ]

S1: eh isso aí é um sotaque nosso caipira né?... que a gente... porque a/ aqui São Paulo a gente tem... muita mistura mais com o italiano né?... ah a força do italiano... então a gente tem bastante... ahn... essa influência... agora esse aí é bem o o... o interior de São Paulo né?

D1: uhum e a senhora fala assim?

S1: não porque jus/ a gente não... não tinha... parentes... no interior (Iara M., F3SP)

(13) D1: e “a porta [ɹ] (es)tá aberta”? [ɹ]

S1: ah não vejo problema nenhum

D1: é? e quem que fala assim?

S1: interior com certeza (Renata C., F2MC)

Os paulistanos, de modo geral, não se reconhecem na articulação retroflexa, malgrado sua relativa produtividade na fala dos nativos. Isso talvez se deva ao modo como foi apresentada a sentença-alvo, de maneira exagerada —ou seja, pode ter sido decorrência do próprio desenho do roteiro de entrevistas—. No entanto, dada a ampla presença de migrantes em São Paulo, a eventual ocorrência de retroflexos na cidade também é frequentemente atribuída a eles:

- (14) D1: e que que você acha da “porta [ɹ] (es)tá aberta”? [ɹ]
 S1: [risos] ah vem do interior
 D1: é
 S1: “leite quente faz mal pros dente”
 D1: [risos] e você acha que em São Paulo alguém fala assim?
 S1: não t/ t/ tem poucas pessoas que que vieram do interior que vieram de determinada região... que... tem talvez... que falam sim... claro... é que é que São Paulo... tem muito... eh uma... como que é mesmo eh... tsc... uma variedade de culturas de de de religiões de... tudo se encontra em São Paulo né você encontra... gente de tudo que é parte desse planeta você encontra aqui... (então) é um negócio bem misturado (Mauricio B., M2MC)

A caracterização de São Paulo como um lugar de “mistura” também permite o não reconhecimento do retroflexo como uma das variantes de seus falantes nativos. Para muitos —sobretudo residentes de bairros mais centrais—, quando se ouve o retroflexo em São Paulo, é porque se está diante de um migrante. Há, no entanto, alguns poucos paulistanos que não diferenciam a variante drasticamente em relação ao tepe ou que reconhecem empregá-la. Em (17), note-se que a documentadora apresentou a sentença-alvo com a realização tepe, mas o informante Lucas S. percebe o segmento com uma realização aproximante.

- (15) D1: e “a porta [ɹ] (es)tá aberta”? [ɹ]
 S1: aí eu acho que é um paulistano com pezinho no interior assim
 D1: com pezinho no interior
 S1: é é... que nem eu às vezes solto isso “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] eu falo muito (assim) (Tatiana M., F1SP)
- (16) S1: eu puxo bastante... “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [vocalizado] [risos] ... a minha língua até trava... mas depende da pessoa... tem pessoas que falam direitinho e não puxa nada então... acho que vai... de paulistano pra paulistano né?
 D1: ah entendi... você fala de qual jeito?
 S1: eu falo “a porta [ɹ] está aberta” [ɹ] [risos]
 D1: mas você acha que por exemplo “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] é típico de São Paulo?
 S1: eu acho que... é... eu acho que é sim... é porque tem muitas raça junto né?... o paulistano só tem vários... então acaba surgindo um sotaque diferente do outro (Milena F., F1MC)

(17) D1: e do eh “a porta [r] (es)tá aberta” [r]

S1: “a porta [ɹ] (es)tá aberta” [ɹ] ... então isso é que é aquela coisa como/ como em São Paulo tem muita/... muita gente de todo lugar vem pra cá... São Paulo mesmo eu acho que ele foi construído a maior parte dos interiores que vêm então essa coisa do interior de falar “porta” [ɹ]

D1: uhum

S1: a gente tem só que diminuiu então ficou “porta” [r] (Lucas S., M1MC)

É certo que, quando apresentados à sentença-alvo “a porta tá aberta” com realização retroflexa, a principal associação dos falantes foi com “interior”. No entanto, certos residentes de bairros mais centrais chegam a associá-lo diretamente com habitantes de periferia, consoante com os resultados da análise de correlações:

(18) S1: porque o pessoal muito afastado... da periferia eles... o erre deles... eh parece com o do interior... muitos falam o “porque” [ɹ] ... eu observo em programa de televisão por exemplo que que você vê... pessoal de bairros afastados...

D1: aham

S1: eles...

D1: periferia... aonde assim? (que bairro)

S1: São Miguel/ São Miguel Paulista⁷ por exemplo (Iara S., F3SC)

A “reação” dos jovens de classe alta no sentido de evitar radicalmente o retroflexo pode ter sido consequência de uma percepção, consciente ou não, de que seu emprego se associa à periferia e às classes baixas. Por outro lado, para as classes B2 e C1-C2, as respectivas curvas na figura 4 acima mostram que há uma forte tendência à pronúncia retroflexa entre os mais jovens e que, para esses grupos socioeconômicos, há um quadro de mudança na direção dessa variante. Isso indica que, para jovens de classes mais baixas, o retroflexo pode não ser tão estigmatizado quanto se poderia supor. Observem-se, nesse sentido, os padrões de emprego de retroflexo quando se consideram apenas os dados de leitura da lista de palavras, em que se espera maior grau de monitoramento da fala (figura 6).

7 Bairro da Zona Leste de São Paulo.

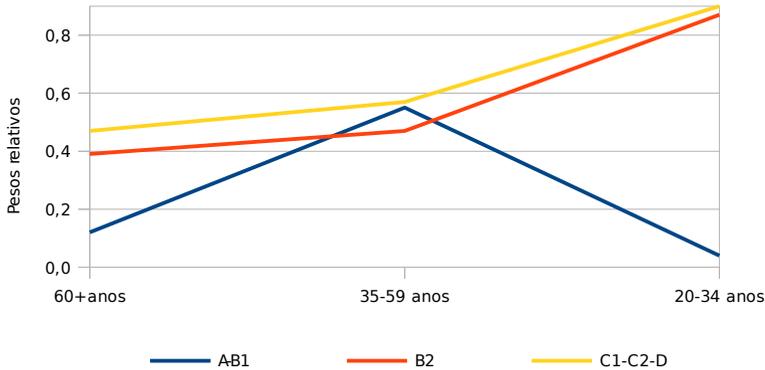


Figura 6: Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre faixa etária e classe social, nos dados de leitura da lista de palavras (Oushiro 2015, 118).

Em comparação com a figura (4c) mais acima, a figura 6 mostra uma polarização ainda mais radical nas tendências de emprego de retroflexo entre os jovens de classe alta e média alta (A-B1) e os de classes mais baixas (B2, C1-C2-D); entre os últimos, continua havendo uma forte tendência ao emprego do retroflexo, mesmo no estilo mais monitorado de fala. As avaliações feitas pelos jovens Milena F. e Lucas S. (excertos (16) e (17)), que reconhecem a ampla variabilidade de /r/ em São Paulo e o retroflexo como uma das variantes paulistanas, são iluminadoras nesse sentido. Ambos, aliás, pertencem a classes sociais mais baixas, de acordo com os critérios da amostra (C1 e C2, respectivamente).

É possível que o relativo prestígio do retroflexo entre esses falantes seja decorrência da presença de outras variantes na comunidade. Embora sejam praticamente inexistentes na fala dos paulistanos, as variantes fricativas se fazem presentes na comunidade principalmente entre os migrantes do Norte e do Nordeste. Já se assinalou que seus filhos paulistanos tendem a adotar o retroflexo; uma possível explicação para isso é que, do ponto de vista das classes mais baixas, houve uma reinterpretção do valor social da variante retroflexa, valorizada por se diferenciar das variantes fricativas, essas sim rejeitadas pela comunidade.

Desse modo, os padrões divergentes no emprego do /r/ retroflexo entre jovens de classes mais altas e mais baixas, residentes de regiões cen-

trais e periféricas, podem ser entendidos pelos diferentes valores sociais que se atribuem à mesma variante dentro da comunidade.

3.3. PRODUÇÃO E AVALIAÇÕES DA MARCA ZERO DE CN. Nacionalmente, os paulistanos são estereotipados por frases como “dois pastel e um chopes”, com marca zero de plural em “pastel” e um “s” adicional em “chopes” (Oushiro 2015). Uma vez que se trata de uma variável difundida por todo o território brasileiro, é curioso notar a sua associação estereotípica especificamente com a cidade de São Paulo. No roteiro de entrevista sociolinguística, buscaram-se avaliações sobre a marca zero de concordância nominal por meio da pergunta: “O que você acha desse modo de falar: ‘me vê dois pastel e um chopes’?”. Diferentemente da variável /e/ nasal e similarmen-te a /r/ em coda, foram pouquíssimos os informantes que não apontaram a concordância nominal como fenômeno linguístico digno de metacomentário. Trata-se de uma variante com alto grau de saliência social e que se apresenta como sinônimo de “não saber falar português”.

Em São Paulo, os padrões de correlação entre a concordância nominal e variáveis linguísticas se assemelham àqueles já observados em outras comunidades brasileiras (ver, p.ex., Scherre 1988, Scherre e Naro 1992, Brandão e Vieira 2012, Salomão 2010): a marca zero (*os menino-ø*) tende a ocorrer em palavras que ocupam posições nucleares e pós-nucleares do sintagma nominal, quando o morfema de plural é seguido de consoante (p.ex., *as menina(s) foram* vs. *as menina(s) iam*), em itens lexicais cuja formação de plural é regular e menos saliente (p.ex., *as casa(s)* vs. *os caminhão/-ões*), e em sintagmas precedidos de outros sintagmas com marca zero. Socialmente, as correlações globais também se assemelham àquelas observadas em outras comunidades urbanas: favorecimento da marca zero por falantes menos escolarizados, de classes mais baixas e do sexo masculino.

Em tempo aparente, considerando-se a faixa etária, residentes de bairros mais periféricos e mais centrais revelam padrões distintos (figura 7). Os primeiros exibem o padrão de curva em “U”, típico de variáveis estáveis socialmente marcadas, com favorecimento de CN-ø entre mais jovens e mais velhos e desfavorecimento entre os falantes da faixa etária intermediária, inseridos mais plenamente no mercado de trabalho. Já os habitantes de bairros mais centrais exibem um quadro de mudança em favor da variante padrão, com gradual decréscimo nas tendências de emprego da marca zero quanto mais jovem é o falante.

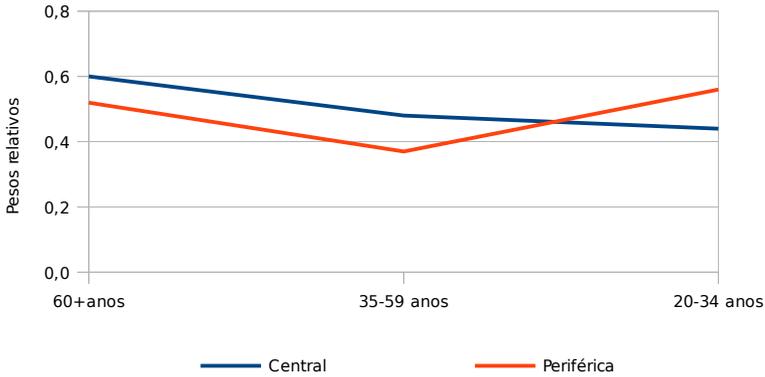
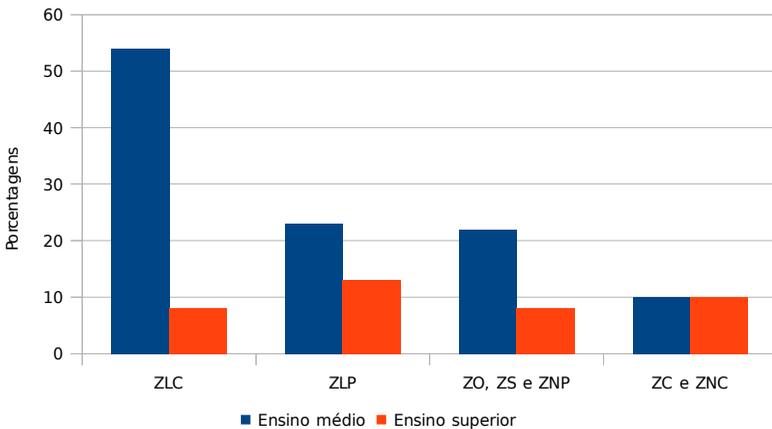


Figura 7: Pesos relativos referentes ao emprego da marca zero de concordância nominal no cruzamento entre faixa etária e região de residência (Oushiro 2015, 157).

A variação na concordância nominal tampouco se distribui uniformemente em todas as regiões da cidade. Ao analisar as taxas de emprego da variante no cruzamento entre região/zona de residência e escolaridade e classe social dos falantes, os moradores da Zona Leste Central de escolaridade e classe social mais baixas se destacam no emprego “exagerado” da variante considerada “não padrão” (figura 8).



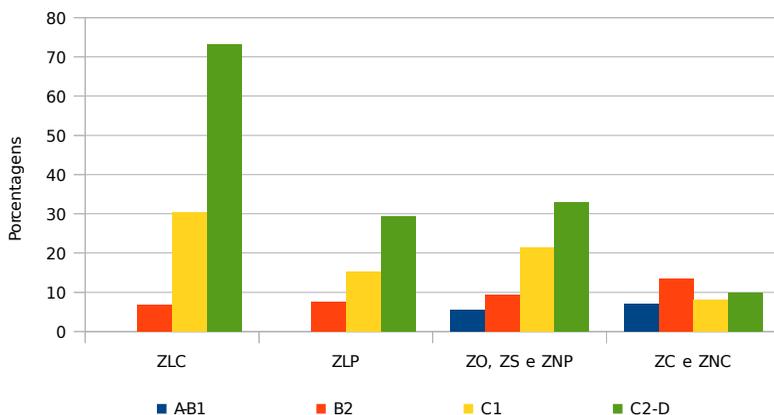


Figura 8: Taxas de emprego de CN-0 no cruzamento entre região/zona e nível de escolaridade (topo) e classe social (abaixo). ZLC: Zona Leste Central; ZLP: Zona Leste Periférica; ZO: Zona Oeste; ZS: Zona Sul; ZNP: Zona Norte Periférica; ZNC: Zona Norte Central; ZC: Zona Central. (Oushiro 2015, 158).

A figura 8 (topo) mostra que as taxas de emprego de CN-0 são maiores entre os falantes com menor nível de escolaridade em relação aos de ensino superior, exceto para as zonas Central e Norte Central (para as quais as taxas foram idênticas); no entanto, entre os falantes menos escolarizados, os habitantes da Zona Leste Central a empregam com frequência muito maior (53,9%) do que os das demais regiões da cidade, cujas taxas variam entre 9,5 a 23,3%.

Algo semelhante se verifica no cruzamento com classe social. Na figura 8 (abaixo), em todas as regiões, há taxas gradualmente maiores de emprego de CN-0 quanto mais baixa for a classe social (com exceção, novamente, das zonas Central e Norte Central, cujas taxas se aproximam de 10%). Nas zonas Leste Central e Periférica, não há, nesta amostra, falantes das classes sociais mais altas A e B1, o que deve ter contribuído para as maiores tendências ao emprego da marca zero nessas regiões. Entretanto, entre os falantes das classes mais baixas C2 e D, a taxa de emprego de CN-0 é muito mais alta na Zona Leste Central (73,1%), superior ao dobro daquelas das demais regiões (29,4% para a Zona Leste Periférica; 32,8% para as zonas Oeste, Sul e Norte Periférica; e 10% nas zonas Central e Norte Central).

A figura 9 representa as noções mais frequentemente associadas com a variante não padrão da concordância nominal, a partir da sentença-alvo

“me vê dois pastel e um chopes”. Nota-se aí a alta frequência de associação com o falar paulistano e, de modo relativamente expressivo, com a imigração italiana e com o bairro da Mooca, que se localiza na Zona Leste Central.



Figura 9: Nuvem de palavras associadas à sentença “me vê dois pastel e um chopes”.

É possível que a preponderante associação da sentença com “paulistano” seja decorrência da ordem em que foram feitas as perguntas sobre avaliação linguística, após aquelas sobre a ditongação de /e/ nasal e a pronúncia retroflexa de /r/ em coda silábica. Ao perceber que o documentador sempre busca descobrir se se trata de uma variante paulistana ou não e quais grupos tendem a empregá-las, muitos dos informantes já afirmam que é um modo paulistano de falar. Os exemplos abaixo ilustram a associação da variante com a região da Mooca/Tatuapé e exemplificam o discurso popular que atribui a presença da variante na cidade à vinda maciça de imigrantes italianos, em cuja língua nativa o plural nominal não se realiza com o morfema -s.

- (19) D1: [risos] e o que o senhor acha de por exemplo eh... ‘me vê dois pastel e um chopes’
 S1: bem paulista isso aí... isso é bem paulista e tradicional daqui do Tatuapé do... da Mooca dessa região (Lucio A., M2MP)
- (20) S1: então assim a gente tem inclusive essa coisa do... de comer o esse né no no do dos plural... né do ter tomado ‘duas cerveja’... eh ‘dois chope’ não/ ‘um chopes e dois pastel’... essa coisa de comer o esse eh vem/ acho acredito eu que venha também do italiano por-

que no italiano o plural não é feito com esse é feito com i né... e então a gente acabou herdando isso da convivência com os italianos aqui então [...]

D1: parece que você sabia da próxima pergunta já

S1: ah é?

D1: que eu ia te perguntar o que você acha sobre as pessoas que fala “ah me vê dois pastel e um chopes”

S1: então acho que é isso acho que é/ são/ eh eu imagino que seja por conta da convivência com os italianos onde o o... o plural é feito de outra forma que não com esse (Romulo S., M3MC)

(21) D1: e o que que você acha de... ‘me vê dois pastel e um chopes’?

S1: [risos] ah sei lá... ah pessoal menos instruído né que fala assim né... ‘dois pastel e um chopes’... é mais o povo né?

D1: você conhece pessoas que falam assim?

S1: ahn... olha... na Mooca eu conheci muita gente assim... inclusive... eu tenho um irmão... ele não/ quer dizer agora ele até está morando na Mooca eu tinha me esquecido disso... fazem uns três meses que ele... ele voltou pra Mooca... mas ele corta muitos esses finais das palavras... apesar de ser médico... mas ficou assim ‘os carro’... não sei por que que fala assim... acho esquisito não sei se é... se é um pouquinho da origem italiana ou se é influência do bairro né (Iara S., F2SC)

A informante Iara S. (21) associa a marca zero de plural primeiramente com pessoas menos instruídas e de classes mais baixas; em seguida, no entanto, ela lembra de muitas pessoas do bairro da Mooca, em que a informante vivera até a adolescência e no qual ainda possui parentes. Lá, mesmo os falantes mais escolarizados, como seu irmão médico, tendem a “cortar os esses finais das palavras”, algo que é atribuído, pela informante, à influência italiana ou do bairro.

Outros informantes, no entanto, afirmam se tratar mais de um estereótipo criado pelos cariocas, ainda que admitam a possibilidade de haver algum fundo empírico para a gozação (22).

(22) D1: é... e quanto a/ a esse modo de falar... ‘me vê dois pastel e um chopes’?

S1: uhn

D1: você acha que é característico... de algum... de algum grupo

S1: sim... carioca tirando sarro de paulista

D1: [risos] você acha que... que é mais uma caricatura então?

S1: n...

D1: assim... um estereótipo... não é não reflete tanto a realidade

S1: ‘dois pastel e um’... pode refletir...

D1: uhum

S1: é que eu nunca prestei atenção nisso [...] não vou dizer que não aconteça não (xxx)

D1: mas aí você acha que... que é algo que caracteriza o paulistano ou...

S1: sim caracteriza

D1: como um todo assim?

S1: (todo) alguns você escuta isso de (ir em feira)

D1: aham

S1: se você ficar prestando atenção você vai acabar escutando (Pietro C., M2SC)

Certos falantes, por outro lado, não só assumem o estereótipo como defendem o emprego da variante como marca de identidade paulistana (23).

(23) D1: e o ‘me vê dois pastel e um chopes’?

S1: é... é coisa nossa né... e não deve mudar está bom?

D1: é

S1: se está errado (xxx) falando se é errado em português está errado (não sei o quê) mas não tem que deixar/ isso é uma coisa que tem que manter e deixar os carioca porque o carioca pra começo os carioca não sabe vestir... (Plinio C., M3MP)

Além da associação estereotípica com o falar paulistano, o segundo tipo de comentário mais recorrente acusa explicitamente o “erro” gramatical, associado a falantes menos escolarizados ou de classes mais baixas, e seguido geralmente de avaliações negativas como “feio, horrível, brega, ignorante”. Andrea C. (24), professora de geografia do ensino fundamental e médio, não disfarça seu desgosto em ver seus alunos “falando errado”. Para ela, dizer que paulistanos não fazem a concordância nominal é um estereótipo, assim como “todo brasileiro gosta de futebol”. Claudomiro S. (25) acredita que a associação com paulistanos e imigrantes se refere a um fenômeno do passado, mas que o emprego da variante com marca zero hoje em dia se deve à “falta de conhecimento”, não mais à imigração.

(24) D1: e o que que você acha dessa daqui... ‘me vê dois pas/ dois pastel e um chopes’?

S1: isso aí mostra uma ignorância (crassa) também que é uma coisa que nunca/ “dois pastel”... quando os alunos falam tenho vontade de descer um livro na cara deles... é é forma de falar e e passa como sendo uma coisa que todo paulista fala... e de novo “todo brasileiro gosta de futebol”... “todo paulista fala errado ‘me dá dez pãozinho”... (Andrea C., F2SP)

(25) D1: tá... e por exemplo essa daqui o que você acha dessa?... ‘me vê dois pastel e um chopes’... ‘me vê dois pastel e um chopes’

S1: essa daí é a clássica do falar errado né

D1: [risos] por quê?

S1: essa daí era... pelo menos nas ane/ anedotas que corriam... era o carioca tirando sarro de paulista

D1: é né sei

S1: essa daí... eu... como... eu procuro falar corretamente e fazer tudo corretamente isso daí... dói no ouvido quando eu escuto... eu acho feio

D1: então como que seria o jeito correto?

S1: é ‘um pastel’... não/ ‘dois pastéis... dois pastéis e um chope’ [...] isso daí antigamente era... ahn na época que... você tinha aquela coisa de... ter os grupos de migrantes ou de

imigrantes... que praticamente não saíam do bairro... ahn eles tiravam muito sarro dos italianos que os italianos que falavam desse jeito então a região ali Bexiga Brás... Mooca... se falava desse jeito... e aí com o passar do tempo foi mudando um pouco mas... virou anedota... hoje em dia é possível que se fale desse jeito mas... aí não é porque é um... imigrante... que que não sabe falar direito... a língua do lugar pra onde ele imigrou.... mas hoje em dia é por causa realmente da... falta... de conhecimento... que está que está se popularizando [...] (Claudomiro S., M2SP)

De modo geral, as avaliações que associam a expressão “dois pastel e um chopes” com o falar paulistano, com a imigração italiana e com certos bairros da cidade parecem se restringir aos falantes mais velhos, a partir da segunda faixa etária (falantes acima de 35 anos). Entre os mais jovens, sobretudo os de classes mais altas e residentes de bairros mais centrais, são mais recorrentes avaliações negativas e a associação com baixa escolaridade (26)-(28).

(26) D1: tá... e o que que você acha desse jeito assim de falar?... ‘me vê dois pastel e um chopes’...

S1: eu acho horroroso nem chego perto... fico revoltada...

D1: [risos] por quê?...

S1: ah porque odeio quando erra português

D1: ah tá...

S1: acho que/

D1: como é que tinha que ser?

S1: não gosto... a frase?

D1: é...

S1: como é que você falou?...

D1: ‘me vê dois pastel e um chopes’

S1: não sei se eu sou muita referência... “você pode ver pra mim por favor um pastel e um chope?”

D1: [risos]

S1: [risos] eu não sei se eu estou muito assim... é que eu sou mãe também sabe... (xxx) tudo certinho aí está vendo... de repente é a minha fase... mas não consigo... se a I. [filha da informante] pede alguma coisa (eu digo) ó... para... volta... vamos de novo...

D1: barato... você acha que é... você acha que paulistano fala assim? ou alguns paulistanos falam assim?

S1: não... acho que gente mal educada que fala assim (Fernanda T., F1SC)

(27) D1: e o que que você acha eh... da pessoa que fala assim... ‘me vê dois pastel e um chopes’?

S1: horrível

D1: [risos]

S1: coisa mais ridícula do mundo... e é tão comum né a gente escuta não só isso mas outros erros... que é uma coisa assim surreal (Carolina A., F1MC)

(28) D1: e você acha que tem bairros da cidade em que as pessoas falam mais desse jeito ‘dois pastel’ e outros que falam menos?

S1: acho acho

D1: por bairro?

S1: acho que sim acho que principalmente os da periferia né porque

D1: ahn

S1: infelizmente o nível de instrução né de... escolaridade é menor então acho que isso é uma tendência (Tatiana M., F1SP)

Os excertos (26)-(28), retirados de entrevistas com falantes mais jovens, parecem indicar que a associação estereotípica da expressão “dois pastel e um chopes” com paulistanos pode estar em vias de desaparecimento da comunidade.

Desse modo, a associação da variante com os falantes que residem especificamente no bairro da Mooca parece ser decorrência de taxas significativamente mais altas de emprego da marca zero por parte de certos residentes dessa área da cidade, que evidentemente destoam das médias em outras regiões. O estereótipo acerca do português paulistano provavelmente advém daí: alguns dos falantes mais prototípicos da cidade, cuja variedade é identificada, nomeada e comentada no discurso popular — “mooquês” —, apresentam taxas bastante superiores de emprego da marca zero. Nesse aspecto, a identidade local com o bairro ou com a cidade parece reforçá-las, uma vez que “dois pastel”, antes de ser “errado”, é “paulistano”. Por outro lado, o enfraquecimento da associação entre a marca zero e uma identidade paulistana em meio aos falantes mais jovens da amostra, para os quais a marca zero é antes um “erro gramatical”, pode explicar o padrão de mudança em tempo aparente na direção da variante padrão entre os residentes de bairros mais centrais, como visto na figura 7.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. Neste trabalho, foram contrastados padrões de usos acerca de três variáveis sociolinguísticas do português paulistano — a realização de /e/ nasal, a pronúncia de /r/ em coda silábica e a concordância nominal de número —, com o discurso metalinguístico de paulistanos nativos sobre as variantes dessas variáveis. A análise das avaliações sobre a realização ditongada de /e/ nasal indica que se trata de uma variável abaixo da consciência dos paulistanos, o que pode explicar sua rápida expansão na comunidade e os padrões de convergência entre diferentes grupos sociais. A pronúncia retroflexa de /r/ em coda, por sua vez, sinaliza que a variante é socialmente avaliada de modo distinto por parte de diferentes grupos socioeconômicos: como forma de prestígio entre os falantes de classes mais baixas, residentes de regiões periféricas e falantes menos escolarizados, e como forma a ser evitada entre os falantes de

classes mais altas, moradores de regiões centrais e falantes mais escolarizados. Os padrões divergentes que se verificam em tempo aparente —mudança na direção do retroflexo ou na direção do tepe— são iluminados ao examinar o discurso metalinguístico dos diferentes grupos de paulistanos. Por fim, a análise dos padrões de concordância nominal, variável ubíqua em todo português brasileiro, mostra que, enquanto os falantes mais velhos ainda valorizam o emprego da variante considerada “não padrão” por funcionar como índice de “paulistanidade” ou de identidade local, os falantes mais jovens parecem não mais associar a variante com o português paulistano, e exibem um movimento na direção da variante sancionada pela norma padrão.

A presente análise destaca a importância de se examinarem padrões mais complexos de encaixamento social de variáveis linguísticas, bem como os discursos metalinguísticos dos membros da comunidade acerca das variantes das variáveis; ainda que tais avaliações possam não coincidir com os factuais usos linguísticos desses indivíduos, uma análise das noções recorrentes acerca de certas variantes —ou mesmo a falta de um discurso elaborado— pode lançar luz sobre a diversidade de atitudes dos falantes, que não necessariamente coincidem com aquelas do pesquisador.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que financiou a presente pesquisa (Processo 2011/09122-6); os membros do Grupo de Estudos em Sociolinguística (GESOL-USP) que coletaram o corpus aqui analisado; e o parecerista, pelos comentários à primeira versão deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- Abaurre, Maria Bernadete M. e Emilio Gozze Pagotto. 2013. “Nasalização fonética e variação”. Em *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção fonológica da palavra*, editado por Maria Bernadete M. Abaurre, 141-164. São Paulo: Contexto.
- Amaral, Amadeu. 1920. *O dialeto caipira*. Domínio público.
- Baayen, R. H. 2008. *Analysing linguistic data: A practical introduction to statistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bisol, Leda. 1998. “A nasalidade, um velho tema”. *DELTA* 14: 27-46.
- Brandão, Sílvia Figueiredo. 2007. “Nas trilhas do -R retroflexo”. *Signum: Estudos Linguísticos* 10.2: 265-283.

- Brandão, Sílvia Figueiredo e Sílvia Rodrigues Vieira. 2012. "Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português". *Alfa* 56.3: 1035-1064.
- Campbell-Kibler, Kathryn. 2009. "The nature of sociolinguistic perception". *Language Variation and Change* 21: 135-156.
- Demasi, Rita de Cássia Benevides. 2009. "A ditongação nasal no Português Brasileiro". Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- Head, Brian. 1987. "Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do "r" caipira". *Caderno de Estudos Linguísticos* 13: 5-39.
- Johnson, Daniel Ezra. 2009. "Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis". *Language and Linguistics Compass* 3.1: 359-383.
- Labov, William. 2001. "The anatomy of style-shifting". En *Style and sociolinguistic variation*, editado por Penelope Eckert e John R. Rickford, 85-108. Cambridge: Cambridge University Press.
- . 2006 [1966]. *The social stratification of English in New York City*. 2a edição. New York: Cambridge University Press.
- . 2008 [1972]. *Padrões sociolinguísticos*. Traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola.
- Mendes, Ronald Beline e Lívia Oushiro. 2012. "O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro". *Alfa* 56.3: 973-1001.
- . 2013. "Documentação do Projeto SP2010: Construção de uma amostra da fala paulistana". <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>.
- Moraes, João Antônio de. 2013. "Produção e percepção das vogais nasais". En *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção fonológica da palavra*, editado por Maria Bernadete M. Abaurre, 95-112. São Paulo: Contexto.
- Oushiro, Lívia. 2015. "Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo". Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/pt-br.php>.
- Oushiro, Lívia e Ronald Beline Mendes. 2014. "Sali[ê]cia social e mudança linguística: A ditongação de e/ nasal no português paulistano". *Revista do GEL* 11(2): 9-46.
- R Core Team. 2014. "R: a language and environment for statistical computing". R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. <http://www.R-project.org/>.
- Salomão, Mircia Hermenegildo. 2010. "A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto". Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista.
- Scherre, Maria Marta Pereira. 1988. "Reanálise da concordância nominal em português". Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Scherre, Maria Marta Pereira e Anthony J. Naro. 1992. "The serial effect on internal and external variables". *Language Variation and Change* 4: 1-13.

Livia Oushiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

livia.oushiro@gmail.com

Trabajo recibido el 30 de agosto de 2015 y aprobado el 13 de noviembre de 2015.